

***Black Mirror* como estratégia de Letramento Crítico: a narrativa fantástica do episódio *Urso Branco* aplicada ao ensino**

Black Mirror as a Critical Literacy strategy: the fantastic narrative of the *White Bear* episode applied to teaching

Marion Lucena Cavalcante¹
Lucas Matheus Silva Teixeira²
Nukácia Meyre Silva Araújo³

Resumo: Estando localizadas dentro de um contexto em que a tecnologia e a produção cinematográfica avançam em suas diversas perspectivas, as composições artísticas têm impulsionado continuamente a promoção do Letramento Crítico na sociedade durante a interação nas práticas sociais. Logo, este artigo objetiva analisar a narrativa fantástica do episódio ‘*Urso Branco*’ da série *Black Mirror* e sua relação com o Letramento Crítico, para posteriormente, traçar uma proposta aplicada ao ensino. Os conceitos de Letramento Crítico (FREIRE, 1970, 2016; JORDÃO, 2007; MEY, 2001) e a abordagem indisciplinar da Linguística Aplicada (FABRICIO, 2006) orientaram as discussões sobre a relação do ser humano com o agir crítico e social. Ao propor a aplicação da obra cinematográfica no contexto de ensino, a narrativa fantástica pode facilitar (i) a compreensão do texto por meio de suas semioses, (ii) o protagonismo dos alunos na produção de debates; e (iii) o desenvolvimento da criticidade através de uma necessidade emergente do aluno (MEY, 2001; FREIRE, 2016). Em vista disso, a narrativa fantástica pode sustentar uma compreensão de indivíduos que traçam uma visão plural objetivando viabilizar a criticidade e a consciência das ações coletivas.

Palavras-chave: *Black Mirror*. Letramento Crítico. Linguística Aplicada.

Abstract: Being located within a context in which technology and cinematographic production advance in their diverse perspectives, artistic compositions have continuously driven the promotion of Critical Literacy in society during the interaction in social practices. Therefore, this article aims to analyze the fantastic narrative of the White Bear episode in the Black Mirror series and its relationship with Critical Literacy, to later outline a proposal applied to teaching. The concepts of Critical Literacy (FREIRE, 1970, 2016; JORDÃO, 2007; MEY, 2001) and the interdisciplinary approach of Applied Linguistics (FABRICIO, 2006) guided the discussions about the relationship between human beings and critical and social actions. By proposing the application of the cinematographic work in the teaching context, the fantastic narrative can facilitate (i) the comprehension of the text through its semiosis, (ii) the protagonism of the students in the production of debates; and (iii) the development of criticality through an emerging need of the student (MEY, 2001; FREIRE, 2016). In view of this, the fantastic narrative can support an understanding of individuals that outlines a plural vision aiming at making criticality and awareness of collective actions viable.

Keywords: Black Mirror. Critical Literacy. Applied Linguistics.

¹ Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, CE, Brasil. Bolsista FUNCAP. Endereço eletrônico: mari.cavalcante.17@gmail.com.

² Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, CE, Brasil. Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: lucas@lucasteixeira.com.br.

³ Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, CE, Brasil. Endereço eletrônico: nukacia.araujo@uece.br.

Introdução

A construção de tecnologias e a postulação de verdades ideológicas são resultados da intrínseca relação entre o capitalismo e a pós-modernidade, que se entrelaçam e juntos desenvolvem ritos e necessidades, imputando ao ser humano as condições basilares de sobrevivência. Segundo Gomez, Martines-Ávila e Valentim (2018), o avanço tecnológico causa fragmentação à vida humana, de modo que os sujeitos perdem cada vez mais a noção de coletividade, individualizando-se. Assim, os seres humanos gradualmente privam-se do sentimento de pertencimento, reclusos em si mesmos.

O período da pós-modernidade é tomado pelo avanço rápido e dinâmico das tecnologias (GOODMAN, 1990), modificando o modo de pensar, de agir e, dessa maneira, interfere nos modos como atuamos na sociedade. Nesse contexto, surgem séries como *Black Mirror* que constrói uma narrativa sob o alicerce da relação entre sociedade e tecnologia em seus mais variados aspectos, sejam eles positivos ou negativos.

Aqui, percebemos como o elemento fantástico, que emergira através da prática oral em diferentes culturas, avançou ideologicamente. Se antes, tínhamos a hesitação frente às simbologias irrealis, hoje temos narrativas que trabalham com possibilidades reais, ainda que muitas vezes extremadas ao absurdo, fazendo com que o leitor, por mais que incerto, se sinta mais representado do que nunca. Através desse distanciamento, ao propiciar a liberdade artística, mas ao mesmo tempo contendo vestígios de uma realidade próxima, as narrativas que não se prendem necessariamente a um enredo realista e que vislumbram o avanço das tecnologias – aqui chamaremos de narrativas fantásticas e futurísticas – conseguem tensionar as crenças que o ser humano constrói sobre o futuro da humanidade.

A série *Black Mirror* estreou em 2011 no canal de TV britânico *Channel 4* e, posteriormente, foi comprada pela plataforma de *streaming Netflix* que é responsável até hoje pela produção de novos episódios. A série levanta questionamentos relacionando ética, realidade, tecnologia e humanidade, sem direcionar explicitamente a uma visão ou opinião sobre esses assuntos.

Por apresentar um enredo atual e em consonância com as novas tecnologias, *Black Mirror* é uma série extremamente sedutora para os jovens que se encontram cada vez mais imersos no mundo digital. Cada episódio é isolado, o que permite a abordagem de inúmeros roteiros com diferentes histórias igualmente intrigantes e, com esses diferentes recortes, o telespectador pode ver através de diferentes ângulos o modo como a tecnologia influencia na vida da sociedade, levando-o a analisar se, de fato, todos os avanços que tivemos foram

benéficos, ou se, em alguma medida, isso só acentuou ainda mais problemas de personalidade e convivência que são intrínsecos à natureza humana.

O episódio que apresentamos carrega consigo a praticidade do pouco tempo de duração, o que é super atrativo para os *millenials* – a geração do imediatismo –, além de uma narrativa *in media res*. A necessidade de reconstruir a narrativa é um elemento crucial para o incentivo do protagonismo do pensamento do aluno que vai ao mesmo tempo tentar montar e avaliar a sua história, como será discutido posteriormente neste trabalho.

Para delinear uma investigação de uma narrativa fantástica e futurística em série de TV e sua relação com o Letramento Crítico, é necessário que sejam evocadas teorias que projetem olhares múltiplos à complexidade e interdisciplinaridade dos estudos linguísticos, como também às multitemáticas que materializam o discurso. Desse modo, propomos investigar a narração fantástica e futurística de um episódio da série *Black Mirror* intitulado ‘*Urso Branco*’, analisando à luz do Letramento Crítico e da Linguística Aplicada, para posteriormente propor possíveis aplicações para o ensino.

Letramento Crítico e Linguística Aplicada: uma proposta para a análise da narrativa fantástica futurística

A linguagem, atualmente, é vista como um lugar de interação humana (TRAVAGLIA, 2009), dessa forma, estudar a língua é estudar os jogos de linguagem que são criados no momento da comunicação e nas situações concretas de interação. Nesse viés, Jordão (2007) afirma que, compreender a linguagem e o mundo como um conjunto de discursos “faz muita diferença na maneira como nos comportamos diante do conhecimento, ou do poder/saber.” (JORDÃO, 2007, p. 20), pois podemos adquirir consciência de que nossos dogmas e valores são socialmente e culturalmente institucionalizados e hierarquizados. “Com a noção de discurso vem também a noção de que não existem posições mais próximas ou mais distantes de uma suposta verdade, de uma suposta realidade exterior aos sujeitos que a constroem” (JORDÃO, 2007, p. 21), isso quer dizer que o conhecimento é sempre um construto em andamento, porque se a linguagem é construída socialmente e permeada por determinadas ideologias, podemos admitir que ela pode se modificar.

Nesse sentido, Freire (2016) aponta sobre a necessidade de contestarmos a realidade em que vivemos e os discursos que são produzidos. Ter criticidade em nossas análises é essencial para que possamos vislumbrar as hierarquias que estão por trás das significações. Segundo o autor, “não existe neutralidade em coisa nenhuma, não existe neutralidade na

ciência, na tecnologia” (FREIRE, 2016), ou seja, é necessário que a sociedade tenha consciência disso para que possamos ser sujeitos críticos e atuantes.

A “crítica” abordada aqui se refere às críticas à opressão e exploração e à luta por teorias críticas do letramento que têm sido bastante influenciadas pela visão da teoria social de que os significados devem ser sempre contestados (nunca dados) e estão relacionados às contínuas lutas na sociedade pela posse de conhecimento, poder, *status* e recursos materiais. Essas lutas por significado e recursos são realizadas por grupos desiguais. Ou seja, certos grupos têm a vantagem em tais lutas porque mantiveram o controle sobre a sociedade, ideologias, instituições e práticas (Morgan, 1997). Teóricos sociais críticos acreditam que essas desigualdades podem ser expostas através da crítica e podem ser reconstruídas através da linguagem. (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001, p. 7, nossa tradução)⁴

É perceptível, então, que o termo Letramento Crítico surge a partir de uma perspectiva social de lutas e revoluções. Ser letrado criticamente significa, então, perceber os tendões que estabelecem as relações de poder e significado e, ainda assim, conseguir ser e agir, mesmo dentro dos discursos que reforçam, por meio da linguagem, o *status quo* de instituições dominantes que alargam ainda mais os muros da desigualdade e da injustiça social. Freire (1970) afirma que o sujeito quando se encontra na posição de oprimido sempre se coloca como incapaz e descrente, levando-o a sempre aceitar as coisas como são. Portanto, o Letramento Crítico tem o papel de promover a alforria social, fazendo com que os sujeitos reflitam sobre suas “consciências colonizadoras” (FREIRE, 1970), questionando verdades, suas condições e postulando suas próprias indagações sobre os discursos.

Os discursos fazem parte de um esquema de poder e pertencem ao processo de interação humana. Conforme Jordão (2007, p. 21), nessa acepção de discurso “nossa crença de que a verdade é dada pelo grau de proximidade que ela estabelece com uma suposta realidade exterior, fixa e objetiva, é descartada”, isto é, a realidade é sempre subjetiva, atravessada por inúmeras crenças, hierarquias e poder. Por isso, temos que perceber a realidade, a linguagem e o discurso em seu caráter cambiante e sempre questionar verdades

⁴ No original: “Critique” from this perspective involves “criticism of oppression and exploitation and the struggle for a Critical theories of literacy have been greatly influenced by critical social theory’s view that meanings are always contested (never givens), and are related to ongoing struggles in society for the possession of knowledge, power, status, and material resources. These struggles over meaning and resources are undertaken by unequal groups. That is, certain groups have the advantage in such struggles because they have maintained control over society’s ideologies, institutions, and practices (Morgan, 1997). Critical social theorists believe that these inequalities can be exposed through critique and can be reconstructed, in part, through language.

absolutas e crenças imutáveis. Fabrício (2006), inclusive, aponta que desde a filosofia antiga, a inevitabilidade do tempo é a única constante que nunca se modifica, pautando-se nos pressupostos de Wittgenstein que afirmava também que “a linguagem deve ser entendida como atividade, como sistema de ações simbólicas realizadas em determinados contextos sociais e comunicativos, que produzem efeitos e consequências semânticas convencionais” (FABRÍCIO, 2006, p. 57). Essa consideração mostra novamente a extrema necessidade da promoção do Letramento Crítico no meio acadêmico e social, pois é preciso que os falantes da língua consigam perceber as relações de poder imbricadas nos discursos que nos rodeiam, a ação do tempo naquilo que aparentemente é pétreo e a desmistificação dos dogmas solidificados. Nesse sentido, a autora afirma que a Linguística Aplicada deve em seus estudos valorizar as reflexões acerca “dos contextos de uso da linguagem para a compreensão do sentido” (FABRÍCIO, 2006, p. 58), das relações entre linguagem, sociedade e cultura, além de aprofundar as pesquisas com abordagens múltiplas que permitam uma Linguística Aplicada inter, multi e transdisciplinar.

Jordão (2007) postula também que a linguagem nos permite “interpretar as realidades que percebemos no mundo e, assim, elaborar nossas verdades sobre ele” (JORDÃO, 2007, p. 21), ou seja, a linguagem não pode ser dissociada da sociedade, portanto, como afirma Fabrício (2006), ela não é neutra, pois é permeada de simbologias e carrega consigo sempre uma ideologia pertencente a uma determinada cultura ou instituição. Desse modo, é de suma importância sermos indivíduos letrados e críticos, capazes de interpretar e questionar quais as múltiplas semioses que se formam para dar sentido a um determinado discurso.

Consequentemente, a investigação de múltiplas semioses relacionadas à atividade social nos auxilia a averiguar o emergir do Letramento Crítico ao se relacionar com a narrativa fantástica presente na série *Black Mirror* e a interação com os telespectadores, uma vez que o fantástico está atrelado à realidade e é originado a partir duma expressão simbólica humana. Sendo assim, é perceptível que as narrativas fantásticas constroem enredos diversos buscando novas “roupagens” para se assemelhar a uma expressão do novo cotidiano, como os atuais *remakes* dos contos de fadas que agregam aos seus novos enredos pontos de discussão da contemporaneidade e que levam os telespectadores a refletirem sobre aquilo que vivenciam todos os dias.

Ao compreender que as narrativas fantásticas são difundidas na contemporaneidade, também, por meio dos textos não escritos, como as séries de televisão, é necessário que as considerações sejam traçadas compreendendo “textos e práticas semióticas como sendo as

muitas formas de materialização do discurso por meio dos mais variados signos, sejam eles verbais ou visuais” (DA SILVA; DE ALMEIDA, 2018, p. 39).

Portanto, ao fundamentar a nossa investigação nas epistemologias da Linguística Aplicada conseguimos investigar o texto envolvendo suas múltiplas semioses, sua relação com as práticas sociais, o emergir do Letramento Crítico e suas possíveis aplicações ao ensino, como também a emancipação social e crítica na e através da linguagem.

Por último, destacamos que o Letramento Crítico sendo aplicado principalmente nas relações pedagógicas tem uma importância fundamental no debate sobre a relação da tecnologia e linguagem para a manutenção ou decremento dos problemas sociais, como a construção de *fake news* ou *cyberbullying*. Principalmente, porque hoje recebemos a todo momento um “bombardeio” de informações e permitir que os indivíduos construam alicerces para uma formação crítica e consciente é o primeiro passo para o desenvolvimento de uma sociedade mais protagonista e participativa.

Concluindo a apresentação das considerações sobre a Linguística Aplicada e o Letramento Crítico, apresentaremos no próximo tópico o episódio que analisaremos traçando uma relação com o discutido anteriormente.

O Urso Branco em uma análise de letramento crítico

O episódio que será analisado, chamado *Urso Branco*, mostra a história de Victoria, uma jovem mulher que, ao acordar sozinha e desorientada, busca entender o que está acontecendo com o mundo a sua volta. Ao tentar estabelecer contato com estranhos para obter compreensão dos fatos, os sujeitos se afastam, mostrando repulsa pela mulher e segurando *smartphones* em suas mãos, apenas filmando toda a situação. Com a progressão do episódio, a violência é intensificada e somente no desfecho o telespectador consegue assimilar a ideia central da narrativa.

É um fato que a arte tem movimentado importantes questionamentos críticos sobre a vida social (ARANTES, 1996) e que a série *Black Mirror* tem sido construída com esses questionamentos relacionando o tempo histórico da sociedade ao avanço das tecnologias (REISDOERFER; FLORES, 2018; AZAMBUJA; PERRI, 2018). Dessa forma, analisaremos nos próximos tópicos os pontos-chaves que são apresentados no episódio, e que podem promover o Letramento Crítico nos telespectadores, ao apresentar um debate emancipatório através da narrativa fantástica.

O desfecho inesperado e o Letramento Crítico

Ao construir uma narrativa *in medias res*, o diretor transfere ao telespectador do *Urso Branco* uma necessidade de estabilização de conhecimento, uma vez que os elementos que podem justificar as ações do início da narrativa somente são apresentados em seu desfecho. Sendo assim, o telespectador procurará vestígios para reconstruir a narrativa para que lhe faça sentido e para entender o desencadeamento das ações. Isso acontece, pois segundo Mey,

O leitor, como um colaborador ativo, é um elemento fundamental no jogo literário. Sua contribuição consiste em adentrar o universo criado pelo autor, e ao fazê-lo, tornar-se um ator mais do que mero espectador. Como resultado não temos unicamente cooperação, mas também inovação. Ao atuar, o leitor modifica a peça: o que o leitor lê em última análise, é sua coprodução juntamente com o autor. (MEY, 2001, p. 197)

O ator da linguagem, nesse caso o telespectador da obra, que ora é tratado como leitor, ora como telespectador, ouvinte ou interpretador assume um papel essencial, pois é traçada uma relação dialética entre o que é exibido e a reconstrução da narrativa, de modo a reorganizar o significado. Esse telespectador recompõe a narrativa não apenas utilizando o texto, mas também as “questões sociais que incluem maneiras de representar a realidade, manifestação de identidades e relações de poder no mundo contemporâneo” (MEURER, 2005, p. 81).

Aproveitando o processo de reconstrução da narrativa, o diretor disponibiliza pistas implícitas para guiar a compreensão: (i) a personagem principal acorda desorientada, (ii) a repulsa dos estranhos para a jovem, (iii) a violência e a exposição televisionada para construir uma visão em que os indivíduos estariam imersos na insanidade de seus atos, levando-nos a inferir que a mulher é vítima da loucura social. Todavia, a visão que resulta dessas pistas é abalada quando o desfecho da história mostra que Victoria agiu como cúmplice do sequestro e homicídio de uma criança de sete anos.

O crime, que fica popular na mídia, parte do namorado da jovem que comete suicídio na cadeia. As pessoas acreditam, então, que o casal não havia pago suficiente pela barbaridade, visto que o rapaz chegou a óbito. Como consequência, Victoria é sentenciada a pagar pelo ato dos dois, participando do *White Bear Justice Park* (em português, Parque da Justiça Urso Branco), onde tem sua memória apagada todos os dias por meio de um aparelho tecnológico acoplado a cervical e é torturada por estranhos que pagam ingressos para participar da ação ou assistem a tortura pela TV. Após toda a explicação, o telespectador é levado a expressar uma opinião, visto que o enredo extrapola as decisões do Estado de Direito

sobrepujando com veemência os limites da ética e das diretrizes dos direitos humanos, abalando, ainda que de modo ínfimo, a capacidade empática e/ou simpática daquele que assiste.

O leitor é preenchido pela sensação de hesitação, pois aquilo que existe apenas em pensamento é apresentado para nós de maneira tão vil, que é capaz de arrastar o telespectador pela mimese que se utiliza de elementos tão próximos e tão reais. A partir de então, a força da narrativa começa a mexer com a criatividade e a criticidade do leitor, pois segundo Jordão,

Somos seres discursivos, sempre ideologicamente marcados, sempre localizados, e os entendimentos que construímos, sejamos nós cientistas ou “gente simples do povo”, são sempre tingidos por ideologias, por perspectivas relacionadas a quem somos, onde estamos e para onde queremos e nos achamos capazes de ir. (JORDÃO, 2007, p. 22)

O desfecho do episódio também quebra a expectativa do telespectador, mostrando que nem tudo que lemos ou acreditamos corresponde a uma realidade. Assim, o episódio *Urso Branco*, junto ao contexto social dos indivíduos, pode funcionar como uma estratégia para discussão e desenvolvimento da criticidade, porque de acordo com Zacchi (2014, p. 140):

[...] o letramento crítico considera o conhecimento como sendo construído, de modo que o sentido do texto seja sempre múltiplo e dependa do contexto em que ele é veiculado e interpretado. Dessa forma, a própria realidade é também social e culturalmente construída e varia de uma comunidade a outra.

Dessa forma, o Letramento Crítico se configura como uma maneira de perceber o episódio, pois podemos compreendê-lo através dos vários jogos discursivos e linguísticos que permeiam a narrativa multimodal, levando em consideração nossas próprias crenças e maneiras de lidar com a realidade junto ao contexto social em que os indivíduos participantes da trama estão inseridos, construindo potenciais análises que vão confrontando-se à medida que temos acesso a mais pistas com o passar dos minutos. É necessário entender que esse processo não é simplista, visto que ser letrado criticamente não implica aceitar ou depreender as verdades absolutas presentes em um texto. A importância e relevância do episódio se dá justamente pela possibilidade de ampliarmos nossa visão para o fato de que somos sujeitos sócio e historicamente construídos e situados. Portanto, ao dispormos da capacidade de discernimento sobre os discursos que nos rodeiam, as narrativas que nos são apresentadas são cruciais para que não vejamos o texto como um produto final que parte somente do autor, mas

notar que enquanto leitores/telespectadores construímos significados a partir de nossas próprias percepções.

A narrativa como realidade fabricada e factual

Desde os primórdios da civilização, o ser humano sempre teve a necessidade de se comunicar, de contar histórias, visto que o homem é um ser narrativo. Nodier (1970) afirma que a humanidade sempre teve a necessidade de algo que fosse capaz de “explicar a quantidade de sensações e acontecimentos com os quais o homem se via confrontado em sua vida ordinária” (*apud* CAMARANI, 2014 p. 14). Essa explicação é nomeada por Nodier (1970) como “mentira”, que advém de uma compreensão cultural, cognitiva e espiritual sobre um mundo nascido do ideário e do inconsciente coletivo, o mundo fantástico.

No *Urso Branco*, essa “mentira” é desenvolvida com características de uma sociedade atual, mas entrelaçada às práticas e interesses de um futuro próximo. Para Baudrillard & Poster,

Quando o real não é mais o que costumava ser, a nostalgia assume todo o seu significado. Há uma proliferação de mitos de origem e sinais da realidade; verdade de segunda mão, objetividade e autenticidade. Há uma escalada do verdadeiro, da experiência vivida; uma ressurreição do figurativo onde o objeto e a substância desapareceram. E há uma produção em pânico do real e do referencial, acima e paralela ao pânico da produção material. É assim que a simulação aparece na fase que nos preocupa: uma estratégia do real, neo-real e hiper-real, cujo duplo universal é uma estratégia de dissuasão. (BAUDRILLARD; POSTER, 1988, p. 171)

Desse modo, ao desenhar uma estratégia entre não saber o que é simulação ou simulacro, o episódio promove o Letramento Crítico. Enquanto simulação, temos uma narrativa que imita práticas atuais ou que constrói previsões em relação a tecnologia e aos princípios éticos, enquanto simulacro, temos uma narrativa que mostra uma sociedade que perde seu equivalente, mas que consegue falsificar uma realidade.

A hùbris⁵ como agente da desigualdade social

Uma temática crucial que decorre do tópico anterior é a hùbris que é representada no episódio na justificativa do ato de tortura com o crime que foi cometido. As personagens da

⁵ Compreendemos por hùbris, o excesso de autoconfiança ou orgulho (PRIBERAM, 2020), que acarrete perigo a um indivíduo ou a indivíduos que se relacionem com este.

história agem ativamente ao penalizar e filmar a prática de humilhação com a jovem Victoria, sem traçar uma opinião crítica sobre a ação. Os personagens movimentam discussões que geralmente são a favor da tortura, participam financiando o parque e acreditam que estão fazendo a coisa certa ao praticar os atos.

Essas ações na narrativa favorecem a discussão sobre o Letramento Crítico, pois o telespectador pode questionar se discursos que são produzidos em nossa sociedade, com o advento do neofascismo⁶, não são um exemplo dessa húbri. Nessa nova tendência mundial, manifestações agressivas têm sido potencializadas com pensamentos extremistas, pois “o discurso da extrema direita faz estourar os tabus que limitam as expressões primitivas e violentas” (NAÏR, 2018). Segundo dados de 2016 do Datafolha⁷, 57% dos brasileiros aderiram a discursos como “bandido bom é bandido morto”, sob o pretexto de um Estado falho e uma justiça ineficiente. Isso gera um crescente sentimento da necessidade de justiça com as próprias mãos e agrava problemas sociais ao marginalizar indivíduos que são frequentemente acometidos pela falta de segurança, educação e renda.

A importância do Letramento Crítico é, principalmente, pela possibilidade de conscientização para que os indivíduos possam perceber os movimentos de manutenção do poder, de privação dos direitos e de continuidade de determinados valores que estão incutidos em um texto, um enunciado, um discurso. Dessa maneira, é crucial compreendermos que “as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura mas também das estruturas de poder numa sociedade” (KLEIMAN, 2008, p. 38), para que possamos promover discussões e um olhar mais apurado acerca dos discursos que estão arraigados na nossa cultura e meio social.

Tortura assistida e a tecnologia

A tortura assistida promovida pelo programa que é criado para transmitir o parque e o compartilhamento no meio virtual por indivíduos é tomada como uma prática de diversão para quem acredita estar fazendo justiça. O *Urso Branco* critica o uso da tecnologia como mediador de práticas desumanas em depreciação do outro, dessa forma, o Letramento Crítico pode ser levantado enquanto avaliação do uso da tecnologia e suas consequências sociais. A preocupação não é somente ver a tortura, mas registrar e compartilhar.

⁶ Compreendemos por *neofascismo*, “grupos que almejam realizar reformulações e retomadas de um arquétipo baseado nas experiências dos movimentos e das ditaduras fascistas dos entreguerras” (CALDEIRA NETO, 2020, p. 124).

⁷ Os dados da pesquisa foram divulgados no 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf.

A tecnologia perde a visão de cooperação para o desenvolvimento da humanidade, perde o seu efeito primário de estabelecimento de comunicação e começa a adquirir a perversidade para interesses não éticos. Nas palavras de Mey (2001, p. 234), “numa primeira ordem de efeitos nós é que definimos tecnologia, numa segunda ordem, é a tecnologia que nos define: você é o que você dirige”.

Nesse cenário, Freire (1970) aponta para a imprescindibilidade de pensarmos na coletividade. Rojo & Barbosa (2015), inclusive, discorrem sobre a hiperindividualidade como uma das características da hipermodernidade em que vivemos. Na nossa sociedade, o que é social vem perdendo a força e tudo que parece existir são “iniciativas isoladas de reestabelecer vínculos e de valorizar o coletivo” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 118). No episódio, a tentativa de estabelecer o laço social é trazida pelo senso de justiça que pode ser questionado como um simples hedonismo motivado por crenças e valores individuais.

As discussões sobre o episódio analisado e o Letramento Crítico foram fundamentais para que pudéssemos sistematizar e propor uma proposta aplicada ao ensino, a qual versaremos a seguir.

Proposição para o Letramento Crítico através do *Urso Branco*

A BNCC (2018) preconiza que, no Ensino Médio, existem alguns valores que o aluno deve ser capaz de desenvolver no seu processo de escolarização. “O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 2018, p. 464) é um desses. Além disso, é válido ressaltar que uma sociedade cada vez mais sedenta por opiniões e defesa de achismos coloca na escola, ainda que indiretamente, o peso de formar alunos que possam mais tarde ser sujeitos críveis em suas falas.

Portanto, atividades que visem promulgar as discussões e os diálogos pautados numa sala de aula invertida, em que o aluno, na verdade, é o centro, são de suma importância dentro da nossa geração. É primordial que os trabalhos realizados nas aulas de Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras sejam capazes de promover a criticidade e a autonomia necessárias para a formação cidadã dos discentes. O episódio *Urso Branco*, da série *Black Mirror*, é uma narrativa fantástica que pode auxiliar o professor, na posição de mediador do conhecimento, a exercitar com os alunos a compreensão textual – por meio de um texto rico em semioses e multimodalidade –, o protagonismo na produção de debates e na expansão de ideias e o desenvolvimento do letramento crítico. O que propomos aqui é uma sugestão de como tentar

criar em sala um ambiente propício para a formação de leitores letrados criticamente, utilizando (um de vários) artifícios que são próximos às realidades dos alunos.

A compreensão textual por meio das semioses e da multimodalidade presente no episódio Urso Branco

Ao introduzir o episódio *Urso Branco* em uma aula no Ensino Médio, numerosas atividades podem ser elaboradas para o desenvolvimento do Letramento Crítico. A compreensão textual pode ser aperfeiçoada ao observar os diversos processos semióticos e multimodais.

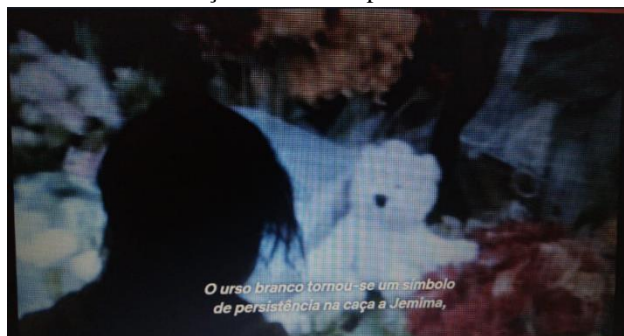
Depois do término do episódio, o mediador pode pedir aos alunos que se reúnam em pequenos grupos e distribuir entre eles algumas funções para que possam juntos construir suas percepções (CAVALCANTE; SILVA, 2020). Cavalcante e Silva (2020) citam o círculo de leitura do Cosson (2014) que poderia ser adaptado, levando em consideração que a narrativa apresentada não se configura como um texto escrito. Dessa forma, cabe retirar aquilo que é inerente a obras escritas e acrescentar o que agregaria valor à análise de um vídeo. Assim, poderíamos sugerir que um grupo ficasse responsável por conectar o que acontece na narrativa a eventos da vida real. Um outro grupo poderia trazer as partes mais impactantes do episódio, acrescentando o porquê de terem escolhido esses momentos e abrindo para a turma se todos concordam com essa seleção. Uma equipe descreveria os personagens e a outra tentaria conectar os fatos ditos no final com as pistas que vão aparecendo no decorrer da narrativa, para tentar perceber se existe uma coesão no desenvolvimento do episódio.

É de suma importância que as discussões trazidas sejam debatidas por toda a turma, para que eles consigam o máximo de pistas possíveis para irem compreendendo o texto e percebendo as semioses que o compõem.

Para acrescentar “fôlego” às pontuações dos alunos, o mediador pode também reapresentar alguns trechos, questionando aos discentes quais significações eles dão a esses fragmentos agora que conhecem o episódio em sua totalidade.

A simbologia traçada para o *Urso Branco*, por meio do símbolo e do urso de pelúcia branco, e apresentada durante o episódio, também pode ser utilizada como proposta para atividade visando a compreensão textual, ao lançar questionamento sobre a importância e os efeitos que esses elementos atribuem à narrativa. Por exemplo, diferentemente da prática escrita, a obra cinematográfica poderá apresentar brevemente um objeto que será incorporado em diversas cenas, mas seu significado (somente, mas não menos importante) será revelado no final.

Figura 1 – O único objeto encontrado da criança assassinada pelo namorado da Victoria



Fonte: episódio *Urso Branco* da série *Black Mirror* disponível na Netflix⁸.

Figura 2 – Palco do *White Bear Justice Park* e o símbolo do Urso Branco no topo da imagem



Fonte: episódio *Urso Branco* da série *Black Mirror* disponível na Netflix⁹.

A observação entre a coesão dos processos semióticos e da multimodalidade também pode ser trabalhada em sala de aula ao identificar a importância das relações entre a ocorrência dos símbolos e seus efeitos para compreensão textual. Os elementos semióticos são organizados para causar efeito de significação e para levantar questionamentos sociais, como a relação entre o uso dos *smartphones* para gravar o desespero da jovem Victoria.

Figura 2 – Estranhos gravando Victoria correndo desorientada



Fonte: episódio *Urso Branco* da série *Black Mirror* disponível na Netflix¹⁰.

⁸ WHITE BEAR. Produção de Charlie Brooker. Direção de Carl Tibbetts. [s.l.]: Netflix, 2013. 1 vídeo (42 min.). Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/70279174?source=35>. Acesso em: 24 out. 2020.

⁹ WHITE BEAR. Produção de Charlie Brooker. Direção de Carl Tibbetts. [s.l.]: Netflix, 2013. 1 vídeo (42 min.). Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/70279174?source=35>. Acesso em: 24 out. 2020.

O protagonismo discente na produção de debates por meio do episódio Urso Branco

A BNCC pondera que é necessária a “ampliação da autonomia, do protagonismo [...] na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações” (BRASIL, 2018, p. 471). Dessa forma, pontuamos que após um trabalho de compreensão da narrativa, os alunos poderão desenvolver seus protagonismos por meio de uma proposta de atividade de debate dirigido.

O debate deve trazer à tona questões da atualidade e pode propor uma visão mais plural e crítica, para formação de cidadãos mais conscientes, e permitir a presença de opiniões mais subjetivas. A proposta visa tensionar as nuances apresentadas durante o episódio, por isso, é extremamente importante que todos participem do primeiro momento, para que, na medida do possível, nenhum detalhe tenha passado despercebido. O mediador pode levantar alguns questionamentos a turma, como: (i) se os alunos participariam do parque; (ii) se são a favor ou contra a justiça com “as próprias mãos”; (iii) se o uso da tecnologia e redes sociais para a depreciação do outro é um ato ético; (iv) se a humilhação é uma forma válida de punição ou diversão; (v) se em algum momento sentiram empatia pela personagem principal e (vi) se a sua visão mudou ao terminar o episódio.

Sempre que possível o mediador deve pedir para que os alunos tentem justificar seus posicionamentos, utilizando como base trechos da própria narrativa ou estabelecendo relações com situações vividas por eles. Assim, os discentes poderão, aos poucos, construir argumentações, estabelecendo comunicação e interação e, dessa maneira, perceberem o protagonismo de suas participações e falas para o desenvolvimento do tema e da aula.

Avaliando o desenvolvimento do Letramento Crítico por meio da narrativa fantástica o Urso Branco

Partindo da inclusão da narrativa fantástica apresentada no episódio *Urso Branco* na sala de aula, junto a atividades que se proponham a estimular o Letramento Crítico entre os alunos, espera-se que o professor possa avaliar seus alunos baseado no empenho que tiveram em compreender a narrativa e construir coerentemente suas argumentações. Perceber e valorizar o engajamento dos discentes nessa atividade é de suma importância para garantir que eles possam entender a relevância e a força de suas opiniões.

¹⁰ WHITE BEAR. Produção de Charlie Brooker. Direção de Carl Tibbetts. [s.l.]: Netflix, 2013. 1 vídeo (42 min.). Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/70279174?source=35>. Acesso em: 24 out. 2020.

Levar o aluno a assimilar que a necessidade de criticidade vai além do uso na prova do vestibular é fazê-lo entender os múltiplos jogos semióticos que compõem a linguagem, a não-neutralidade dos enunciados e quais movimentos sociais estão em jogo no momento da construção do discurso. Desse modo, é extremamente importante traçar metodologias avaliativas que fujam de respostas absolutas, tendo em vista que o Letramento Crítico é desenvolvido coletivamente e que a obra cinematográfica não propiciará uma única interpretação. Avaliações podem ser desenvolvidas através da análise da investigação discente sobre os elementos semióticos ao construir significados durante a obra ou quanto à construção argumentativa levando em conta sempre o contexto social que o indivíduo está inserido.

Por fim, destacamos que ao deslocar o processo de aprendizagem para o aluno, suas vozes são tomadas em posições de protagonismo, propiciando o verdadeiro letramento funcional “situado em um discurso representativo da atividade, com uma representação constituída pela minoria analfabeta/iletrada, e não pela 'voz' da maioria alfabetizada/letrada” (MEY, 2001, p. 252). Desse modo, o letramento pode ser executado não como um *commodity*, mas como um meio de funcionamento (MEY, 2001) que conscientiza e empodera os alunos.

Considerações Finais

As produções artísticas têm sido difundidas com grande velocidade ao alcançar os meios digitais. Consequentemente, produções como a série *Black Mirror* conseguem mover críticas notáveis para o homem e a relação com suas práticas sociais. O Letramento Crítico não fica mais restrito somente ao ensino nos ambientes educacionais, mas pode ser proposto por intermédio de atividades de entretenimento disponibilizadas em plataformas de *streaming*.

Urso Branco, bem como a grande parte dos episódios da série, trabalha com a noção de simulação e simulacro para o telespectador imergir na obra. O desconforto que o seriado pode nos causar e a construção de uma narrativa tão realística é capaz de transportar quem assiste para dentro da estória, de modo que o receptor possa se perguntar se ele mesmo não estaria reproduzindo as ações que levariam até aquele desfecho.

Destaca-se a necessidade em considerar as visões aqui traçadas para a construção da narrativa e uma proposta pedagógica, relacionado o episódio aqui analisado e o Letramento Crítico como social e historicamente situados. Assim como ocorrerá no ambiente da sala de aula, o professor que objetivar aplicar a proposta deste trabalho, encontrará uma outra porção de simbologias e questionamentos sociais que são circunscritos ao seu contexto social.

A ideia da construção do parque pode levar o telespectador a se perguntar quantas vezes a personagem principal terá que viver o ciclo para se redimir desse crime, levantando em nós questionamentos sobre quais são os efeitos que realmente resultam entre a relação do ser humano e a tecnologia. O indivíduo extravie sua visão positiva e sua conduta ética diante da tecnologia, pois, “os efeitos secundários da nova tecnologia na consciência humana são usualmente muito mais importantes e de maior alcance que os efeitos primários” (MEY, 2001, p. 233).

O homem se vê preso em um transcurso, ou melhor, em um complexo processo hegemônico, e que ao tomar consciência através de uma narrativa que propicie o Letramento Crítico, surge o sentimento de protagonismo, de fazer as escolhas críticas impedindo que injustiças sociais e práticas antiéticas sejam realizadas novamente.

Dessa forma, fazer entender a importância do “eu” dentro da globalização e da modernidade e possibilitar ser crítico e consciente das condutas fazem parte de um processo que devemos tentar ampliar enquanto acadêmicos e educadores para viabilizar uma sociedade que futuramente reflita sobre os processos que estão sendo inseridos, sobre a necessidade do coletivo e da consequência de ações.

Salientamos que as possibilidades de trabalho e atividade com o episódio são inúmeras e diversas, de forma que neste artigo elucidamos apenas algumas perspectivas e esperamos que a partir daqui vários docentes e pesquisadores se sintam encorajados a desenvolverem estratégias semelhantes, que possam estimular o interesse dos alunos e viabilizar um diálogo que resulte no desenvolvimento do protagonismo e do Letramento Crítico.

Referências

ARANTES, P. Arte e crítica social em Adorno. **Revista Princípios**, n. 40, p. 78-81, fev-abr. 1996. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/40/cat/1662/arte-e-crítica-social-em-adorno-.html>. Acesso em: 12 mai. 2020.

AZAMBUJA, P.; PERRI, C. Filosofia e distopia seriadas: sobre Black Mirror e suas relações entre humanos e técnicas. **Revista Ícone**, v. 16, n. 1, p. 42-57, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/237077>. Acesso em: 12 mai. 2020.

BAUDRILLARD, J.; POSTER, M. **Selected writings**. Stanford: Stanford University Press, 1988.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília1: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2018.

CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Revista Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/2060>. Acesso em: 12 mai. 2020.

CAMARANI, A. L. S. **A literatura fantástica**: caminhos teóricos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CAVALCANTE, M. L.; SILVA, T. A. Fita Verde no Cabelo: um estudo discursivo-semiótico sobre o conto de Guimarães Rosa. In: PAIVA, F. J. O.; LIMA, A. M. P. (Orgs.). **Pesquisas em análise do discurso, multimodalidade & ensino**: debates teóricos e metodológicos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com/wp-content/uploads/2020/10/E-BOOK-2-VOL2.pdf>. Acesso em: 24 out. 2020.

CERVETTI, G.; PARDALES, M.J.; DAMICO, J.S. A tale of differences: Comparing the traditions, perspectives, and educational goals of critical reading and critical literacy. **Reading Online**, v. 4, n. 9, abr. 2001. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/c3d4/3e79a71767b6f5dc848f406a46006de9e180.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2020.

DA SILVA, M. M. P.; DE ALMEIDA, D. B. L. Linguagem Verbal, Linguagem Verbo-Visual: Reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistêmico Funcional. **Revista Odisseia**, v. 3, n. 1, p. p. 36-56, jan. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12686>. Acesso em: 11 mai. 2020.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

GOMEZ, L.; MARTINES-ÁVILA, D.; VALENTIM, M. L. P. Pós-modernidade, capitalismo e conhecimento: uma análise crítica. **Revista Complexitas**, Belém, v. 3, n. 1, p. 120-129, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/6637>. Acesso em: 11 mai. 2020.

GOODMAN, Paul *et al.* (Eds.). **Technology and organizations**. San Francisco: JosseyBass Publishers, 1990.

HÚBRIS. In: PRIBERAM. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/h%C3%BAbris>. Acesso em: 24. out. 2020.

JORDÃO, C. M. As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, 2007. p. 19-29.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do Letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

MEY, L. J. **As vozes da sociedade**: seminários de pragmática. Trad. Ana Cristina de Aguiar. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 195-208.

MEURER, J. L. **Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough**. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Eds.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.

NAÏR, S. O que está por trás do discurso de ódio. **EL PAÍS**, 08 dez. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/07/internacional/1544180778_836431.html. Acesso em: 13 mai. 2020.

REISDOERFER, H. M.; FLORES, N. M. Black Mirror: uma análise crítica da sociedade a partir do episódio Fifteen Million Merits sob à luz das teorias da Sociedade do Espetáculo e da Pós-Modernidade. **Revista Temática**, v. 14, n. 10, p. 30-44, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/42254>. Acesso em 12 mai. 2020.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial. 2015.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2009.

ZACCHI, V. J. Novos Letramentos e cosmopolitismo na formação de professores de Língua estrangeiras. In: ZACCHI, V. J; STELLA, P. R. (Orgs.). **Novos Letramentos, Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa**. Maceió: EDUFAL, 2014.

Sobre os autores

Marion Lucena Cavalcante (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5986-803X>)

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE); licenciada em Letras - Português pela mesma instituição. É bolsista FUNCAP.

Lucas Matheus Silva Teixeira (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0610-5685>)

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE); bacharel em Letras - Língua Inglesa pela mesma instituição. É bolsista CAPES.

Nukácia Meyre Silva Araújo (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1951-0417>)

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); mestra em Linguística pela mesma instituição; graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). É professora do Curso de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e do Mestrado Profissional em Letras da UECE.

Recebido em agosto de 2020.

Aprovado em dezembro de 2020.